

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no Correio Popular de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

203. OS MAIS ANTIGOS TRATADISTAS DO CAFÉ

O mesmo ano de 1671 viu a publicação dos dois mais antigos livros escritos sobre o café: o do francês Philippe Sylvestre Dufour (1622-1687) e o do italiano Antonio Fausto Naironi (1637-1711). O de Dufour foi reeditado pelo menos duas vezes no século XVII. A segunda edição, publicada na Holanda, em 1685, contém um acréscimo referente ao chocolate, que não constava da edição original. Daí a alteração do título para "Traité: Nouveaux & Curieux du Café, du Thé et du Chocolate". A parte relativa ao chocolate parece não ter sido escrita por Dufour, mas por um certo Disdier.

O livro de Naironi foi redigido em latim: "De Saluberrina Potione Cahue, Seu Cuncupacta Discursus". Parece ter ficado na primeira edição, tirada em Roma no mesmo ano em que o livro de Dufour era publicado em Lyon.

Dos dois raríssimos textos ocupou-se Afonso de Taunay em sua extensa "História do Café no Brasil" e em outras publicações. Mais ainda: considerando o total desconhecimento entre nós dos preciosos livros, Taunay não se limitou a escrever sobre eles, mas deu-nos os respectivos textos, integral de um e quase integral de outro. O de Dufour, traduzido pelo próprio Taunay, foi publicado ao longo de vários números, de janeiro a junho de 1944, da antiga revista "D. N. C.". Em sua tradução, Taunay omitiu os capítulos referentes ao chá e ao chocolate, traduzindo apenas a parte relativa ao café; vem ilustrada com três gravuras: a página-de-rostro da edição de 1693 (também feita na Holanda), uma estampa representando um árabe, um chinês e um índio tomando, respectivamente, café, chá e chocolate, e a terceira mostrando um árabe, sentado à maneira oriental, com uma xícara à mão direita, tendo ao lado, no chão, o "abrigo" ou bule para o preparo do café.

Quanto ao Naironi, dele promoveu Taunay uma reedição fac-similar, publicada pelo antigo Departamento Nacional do Café, em 1944, à qual acrescentou-se a tradução do texto latino, realizada pelo professor Alexandre Corrêa. Tanto o Dufour como o Naironi contém excelente estudo introdutório da lavra de Taunay.

É interessante registrar que a biblioteca do Museu Paulista possui estes dois preciosos cimélios. O de Dufour, na segunda edição (1685), um exemplar adquirido na Europa por Eduardo Prado. O de Naironi, mais raro ainda, pois dele só se fez uma edição, possui o Museu talvez o único exemplar existente no Brasil, preciosa doação do ilustre homem público paulista e também fazendeiro, Alfredo Guedes, que foi Secretário do Interior do Estado, no início do século, campineiro de nascimento, filho dos barões de Pirapitinguf. (27-9-1989)

★

204. NOSSA SENHORA DE COPACABANA DO BRASIL

Em recente livro relatando viagem realizada à Bolívia a fim de participar de um congresso de Sociologia, o professor Wilson Lima Bastos, de Juiz de Fora, ocupou-se em relatar pormenorizadamente a origem e a história da devoção de Nossa Senhora de Copacabana, que tem seu santuário principal no grande lago Titicaca, “um dos pontos de maior beleza paisagística no sistema andino”, conforme sua observação. De culto pagão ao tempo dos incas, tornou-se Copacabana culto cristão, cuja festa se celebra no dia 6 de agosto. Confundiu-se, de início, a devoção de Nossa Senhora de Copacabana com a de Nossa Senhora da Candelária, esta celebrada pela Igreja Católica no dia 2 de fevereiro, coincidindo com a festa da Purificação de Nossa Senhora. A própria imagem originalmente colocada no lago Titicaca foi a de Nossa Senhora da Candelária, só depois de algum tempo substituída pela imagem própria. E há 400 anos festeja-se naquele recanto andino a Virgem de Copacabana, reunindo romeiros e turistas de regiões até bem longínquas, como observou o professor Lima Bastos, na recente visita que fez ao santuário famoso.

Pergunta que imediatamente há de ocorrer a muitos leitores: como veio parar no Brasil a devoção a Nossa Senhora de Copacabana, a ponto de seu nome ter servido para denominar um dos mais importantes bairros do Rio de

Janeiro? É fácil a resposta: foi a devoção trazida por comerciantes que do Brasil iam ao Peru, nos tempos coloniais, os quais pitorescamente eram chamados de “peruleiros”.

Não se sabe exatamente a data em que a primeira imagem teria sido trazida para o Brasil. Acredita-se que tenha sido ao tempo do domínio espanhol, quando eram mais freqüentes as relações com o Vice-Reinado do Peru. Talvez ainda em fins do século XVI. Colocada primeiramente na Igreja da Misericórdia, só no século XVIII foi transportada para a igreja de que se originou o bairro. A história da “implantação” da imagem da Virgem de Copacabana no Rio de Janeiro vem muito bem relatada pela senhora Nilza Botelho Megale em seu precioso livro sobre as invocações de Nossa Senhora no Brasil (Petrópolis, 1986). Devido a obras de urbanização no atual bairro de Copacabana, a imagem foi transportada para diversos lugares, até que, após a reconstrução do templo da Praça Serzedelo Correia, retornou à igreja que tem sua invocação.

“Foi, pois, através da devoção de alguns romeiros que recebeu seu nome a belíssima praia que é hoje o orgulho dos cariocas e uma das maravilhas do turismo internacional”, diz Nilza Megale. Quantos da imensa população que habita Copacabana (um dos aglomerados de maior densidade de população em todo o mundo) ou dos que a visitam a todo instante, estarão sabendo que estão pisando solo batizado com um nome inca, originário de uma devoção trazida do Lago Titicaca pelos modestos comerciantes que realizaram a aventura do comércio com o Peru? (18-10-1989).

*

205. UMA OBRA QUE COMEÇOU EM CAMPINAS

Jornal evangélico de confissão presbiteriana trouxe em um dos seus últimos números circunstanciada notícia das comemorações do 120º aniversário do Instituto Gammon, o importante estabelecimento de ensino da cidade de Lavras, no Sul de Minas. Depois de extenso relato, abriu a notícia um tópico com o título que estou tomando para esta nota, lembrando que a obra educacional realizada nestes 120 anos iniciou-se em Campinas com a fundação do Colégio Internacional, aqui estabelecido pela missão presbiteriana norte-americana, em 1869. Realmente, o “Gammon” é o mesmo “Internacional”, para Lavras transferido em fins do século passado, para fugir à epidemia de febre amarela que, naquela época, assolou nossa cidade.

Na cidade sul-mineira, o educandário recebeu o nome de “Instituto Evangélico”, e assim se denominou até 1928, quando passou a chamar-se “Instituto Gammon”, em homenagem ao reverendo Samuel R. Gammon, um dos seus grandes diretores, precisamente quem promoveu a transferência do colégio para Lavras, em 1893.

O “Colégio Internacional” - escrevi de certa feita - marcou o início de um vasto programa de ensino a que se dedicaram no Brasil quase todas as confissões evangélicas. Pouco depois, a própria Igreja Presbiteriana fundaria em São Paulo a Escola Americana (origem do atual Mackenzie) e a Igreja Metodista abriria em Piracicaba o Colégio Piracicabano, transformado atualmente na Unimep. E outros, posteriormente, marcaram o mapa do Brasil em quase todos os seus quadrantes. De fato, é rara a cidade brasileira de certa importância que não tenha um colégio evangélico, batista, metodista, presbiteriano e também de outras confissões menos disseminadas.

Vale observar o quanto estes colégios, fundados desde a segunda metade do século passado, foram bem recebidos pela sociedade brasileira, apesar de ser esta, na época, bastante preconceituosa em matéria de religião. Mas, pelos novos métodos de ensino que introduziram e pela própria filosofia de educação que pregavam, acabaram se impondo, tornando-se muito mais freqüentados por não-protestantes do que propriamente por protestantes, pois estes não seriam na ocasião (e certamente não são até hoje) em número suficiente para alimentar tão grandes educandários.

Do antigo “Internacional” cuidaram, no passado, Erasmo Braga e, mais recentemente, Júlio Andrade Ferreira e Boanerges Ribeiro. Quanto ao “Gammon”, convém recordar que uma de suas grandes realizações foi a Escola Agrícola de Lavras, uma das mais renomadas do País, mas que não mais pertence ao colégio, pois tornou-se instituição federal. 28-12-1989.

*

206. MEMÓRIA DE UMA CIDADE

Quem quer que tenha alguma vinculação com a cidade de Bauru, ou por af ter nascido ou af vivido, não poderá ficar insensível ante o magnífico trabalho que vem sendo realizado por Luciano Dias Pires para a preservação da memória da cidade, através da publicação mensal de um tablóide de doze páginas intitulado *Bauru Ilustrado*, já conhecido bibliograficamente pela sigla *BI*. Encontra-se já no seu 15º ano de circulação, com mais de 160 números publicados. Se estou bem informado, surgiu como suplemento de um jornal da cidade, tornando-se poste-

riormente publicação avulsa. Sua matéria é a mais variada possível, constituída sempre de artigos ou tópicos do maior interesse para a história da cidade, e ainda profusamente ilustrado.

Bauru está praticamente às vésperas de seu centenário. E como toda cidade centenária, tem história, uma história que, no mais das vezes, seus próprios moradores ignoram. O editor do BI percebeu isto e procurou sanar a lacuna, que não é só de Bauru, mas de qualquer cidade brasileira, com poucos exceções. Há, entre nós, pouco interesse pela história urbana. E quando esta é praticada, é quase sempre para discutir questões bizantinas em torno do nome do fundador ou da data da fundação. É claro que isto é importante, mas não é tudo na crônica de uma cidade. Luciano Pires, sem desprezar estes elementos da crônica histórica, interessou-se mais pelo cotidiano da "Sem Limites" através do tempo.

Todas as vezes que tenho procurado estimular alunos meus ao estudo de suas cidades, esbarram eles na dificuldade muitas vezes quase intransponível da ausência de fontes. A publicação bauruense tem demonstrado que as fontes existem. Há que saber procurá-las e utilizá-las devidamente. Se a Imprensa tem sido a principal fonte do BI, cumpre não esquecer o uso que seu diretor tem sabido fazer da história oral e, principalmente, dos documentos de família. A este respeito, a crônica que habitualmente abre a publicação traz o título geral "Retrato de Família" e nela se registram subsídios preciosos para vida da cidade. Famílias estrangeiras ou brasileiras da mais variada procedência, que para Bauru se deslocaram no início da cidade e aí se fixaram, escrevendo a sua história. Alguns destes registros são comovedores. O autor desta nota, que na sua juventude residiu em Bauru e, portanto, conheceu muitas das famílias entrevistadas, pode testemunhar o significado desta evocação. Da mesma forma, os registros da imprensa diária de há 30, 40, 50 anos e até mais. Papéis significativos que o interessado na história da cidade não poderá ignorar.

Como seria bom se em cada cidade do Brasil houvesse uma publicação do tipo do *Bauru Ilustrado*! Mas, creio ser Bauru a única... 13-12-1989.

*

207. TRILOGIA BÍBLICA

Há cerca de 40 anos, lançada por importante editora de São Paulo (Melhoramentos), surgiu no Brasil uma preciosa trilogia registrando a história do Velho Testamento e do Cristianismo. Escreveu-a Fulton Oursler, escritor católico norte-americano, e seus três volumes intitulavam-se O Maior Livro do Mundo, A Maior História de Todos os Tempos e A Maior Fé que já Houve no Mundo. O primeiro versava sobre o Antigo Testamento; o segundo, sobre a vida de Jesus; e

o terceiro, sobre a expansão do Cristianismo, centrado principalmente na vida e obra do apóstolo Paulo. Este último volume ficou inacabado, pelo falecimento do autor, tendo sido concluído por sua filha, April Oursler Armstrong. Das traduções, aliás excelentes, incumbiram-se Carlos Cheves, Álvaro Pinto de Aguiar e Agenor Soares de Moura, respectivamente. Em termos de cronologia bíblica, a trilogia alcança até o Livro dos Atos dos Apóstolos. A obra foi toda vazada segundo o roteiro bíblico, em linguagem acessível, sem as dificuldades que oferece a leitura dos próprios textos das Escrituras.

É significativo registrar que a obra apareceu numa época em que a leitura da Bíblia não estava ainda muito generalizada entre nós, e circunscrita quase exclusivamente aos protestantes, os quais, estes sim, sempre tiveram por hábito a leitura dos livros sagrados. Nos arraiais católicos, dispunha-se apenas da tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, primorosa do ponto de vista literário, embora com a inconveniência de não ser uma tradução direta, mas baseada na Vulgata Latina, de São Jerônimo. Quanto às edições protestantes, a mais usada era a de João Ferreira de Almeida, muito deficiente do ponto de vista literário, ou então a insuportável “Tradução Brasileira” (insuportável literariamente falando), distribuída no Brasil pelas missões norte-americanas. Felizmente, foi logo abandonada, substituída por uma edição revista da tradução de Almeida. E também apareceram outras edições católicas, a mais conhecida sendo a do padre Matos Soares, e algumas mais modernas, “em linguagem atual”, lançadas pelas principais editoras católicas.

Em matéria de Bíblia, foi-se ao extremo oposto. Contam-se hoje muito mais edições católicas do que protestantes. Todo este movimento bíblico culminou com a edição deste verdadeiro monumento que é a *Bíblia de Jerusalém*, traduzida por comissão mista de católicos, protestantes e israelitas. Cumpre esclarecer que as edições protestantes e também as israelitas omitem os sete livros deutero-canônicos, aceitos pela Igreja Católica após o Concílio de Trento, no século XVI.

Refletindo sobre este movimento ecumênico de difusão da Bíblia, não pude deixar de me lembrar da trilogia de Oursler, o primeiro esforço no Brasil para a popularização da Bíblia. A obra nunca foi reeditada e bem que o merecia. Datando já de 40 anos, está na categoria dos livros raros, altamente valorizados pelos alfarrabistas. 27-12-1989.

*

208. UM CLÁSSICO DE NOSSA HISTORIOGRAFIA MILITAR

Ao me ocupar, há pouco, neste mesmo local, de um clássico de nossa historiografia colonial, a *Viagem da Armada*, de Francisco Brito Freyre, reeditado

em 1940 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santos, numa edição comemorativa do tricentenário, que então se celebrava, da restauração portuguesa, acabou perdendo de vista o precioso livro por ter me empolgado pela presença, a bordo e depois como degredado no Brasil, de um dos maiores escritores portugueses de seu tempo, dom Francisco Manuel de Melo.

Deixei mesmo de ressaltar a oportunidade da iniciativa do Instituto Histórico santista divulgando texto do qual só existiam duas edições, ambas de meados do século XVII. E a própria edição santista, provavelmente de tiragem pequena, constitui hoje livro bastante raro. Nuncavi citada em bibliografia alguma, das muitas que se ocupam da história militar brasileira. Nem por José Antônio Gonsalves de Melo, grande historiador pernambucano, em nota, aliás bastante extensa, que escreveu para uma belíssima reedição fac-similar da importante obra de Brito Freyre, *História da Guerra Brasileira*. Registre-se que este grande livro de Brito Freyre, ao ser publicado em 1675, na Oficina de Joam Galram, de Lisboa, incluiu também o texto da *Viagem da Armada*.

Brito Freyre nasceu por volta de 1625, de família abastada, inclusive com propriedades no Brasil. Informa Gonsalves de Melo que começou sua carreira militar nas guerras da restauração, a princípio no mar e depois em terra. Em 1653 foi nomeado almirante da frota da Companhia do Comércio do Brasil, a qual veio a desfechar o golpe final na resistência holandesa em Pernambuco. Foi testemunha da rendição da Campina do Taborda, tendo escrito acerca dos acontecimentos que a precederam. Governou a Capitania de Pernambuco por quatro anos. Quando da deposição do rei de Portugal dom Afonso VI, foi incumbido de conduzir o monarca à ilha Terceira, de cujo governo foi encarregado. Recusando-se a tal incumbência, foi preso na Torre de Belém. Foi durante a prisão, como ele próprio informa, que escreveu a *História da Guerra Brasileira*. Libertado, voltou a servir à Armada, tendo falecido em Lisboa em 1692.

Embora Pereira da Costa tenha afirmado que no seu governo em Pernambuco nada se registrou de importante, documentação recentemente revelada vem permitindo lançar novas luzes sobre seu período na administração da Capitania. Da mesma forma que seus escritos vêm sendo valorizados. A reedição fac-similar promovida pelo governo pernambucano, à qual já se fez referência, honra sobremaneira a bibliografia histórica brasileira. E passo significativo para o conhecimento de sua obra foi a publicação feita há meio século pelo Instituto Histórico de Santos, dando-nos a conhecer o texto integral da *Viagem da Armada*. 3-1-1990.

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that proper record-keeping is essential for the success of any business and for the protection of the interests of all parties involved. The text also mentions the need for regular audits and the importance of having a clear system of internal controls.

The second part of the document deals with the financial aspects of the business. It covers topics such as budgeting, forecasting, and the management of cash flow. The author stresses the importance of having a realistic budget and of regularly reviewing financial performance against it. The text also discusses the benefits of using financial ratios and other tools to analyze the company's financial health.

The third part of the document focuses on the operational aspects of the business. It discusses the importance of having a clear organizational structure and of defining the roles and responsibilities of all employees. The text also mentions the need for effective communication and for having a system of performance evaluation. The author emphasizes that a well-organized and efficient operation is essential for the success of any business.

The final part of the document discusses the importance of having a clear vision and mission statement for the business. It emphasizes that these statements are essential for guiding the company's strategy and for motivating all employees. The text also mentions the need for regular communication with all stakeholders and for having a system of feedback.